



O pensamento de Alex, por Isis do Carmo  
Aquarela, 2021.

# ALGUÉM ME AVISOU PRA PISAR NESSE CHÃO DEVAGARINHO...

*Corpo, Ancestralidade, Terra - Dimensões Cosmoperceptivas*

por Kaká Portilho

"OHÙN ÈMI NÁ À KÓ. OHÚN ÌYÁ MI NI..."  
Essa não é a minha voz, é a voz da minha Mãe!

A palavra como "potência de fala", utiliza o som da minha voz para materializar a Voz da Mãe. A palavra aurática e numinosa, o em-si originário, significado e significante, simultaneamente repercute e ecoa em percussões e rítmicas que incorporam os cantares e imantam o corpo. É assim que a Voz da Mãe ressoa nesta poética de caracteres diante dos seus olhos. Baseada em oralituras, escrevivências e relações sociais, nacionais e internacionais, ao longo das muitas peregrinações em busca da aproximação da *Voz*, fui modelando e (re)descobrimo o conhecimento dentro de mim, ao mesmo tempo em que fui reconhecendo e sendo reconhecida por Vozes "externas", que ecoavam de dentro.

Meu primeiro movimento é de saudação às Mães Ancestrais, presentes em todas as culturas mundiais, independente das diferenças de cada uma dessas culturas. Principalmente àquelas culturas mais antigas do mundo, oriundas do continente africano e das Américas. As que já foram desenterradas do útero cósmico da Mãe Terra, as que estão marcadas na História da Humanidade, e as que ainda estão descobrimo-se das múltiplas camadas dos lençóis telúricos que as encobrem. Vamos abordando diversos cantos e contos que revelam essas camadas terrosas.

À minha cabeça, materialização física da comunidade a qual eu pertenço, eu saúdo. Nela amalgamo o presente, o passado e o futuro. Temporalidades conexas que estão incorporadas em minha própria materialidade. Parida de cócoras, nasci olhando para a Mãe, mas não era a mãe biológica. A primeira imagem que meus olhinhos avistaram fora do ventre da minha mãe, foi a da terra, nossa Mãe Ancestral. Escorreguei pela vagina, na força de minha mãe. E ela pariu mais quatro depois de mim. E tudo deu certo, pois eu não nasci pelos pés, mas sim pelo camutuê. Poderia nomeá-la como: orí (yorùbá), camutuê (bantu), tah (ewé-fon), ká (kemetyu), porém, opto por utilizar cabeça, um substantivo mais comum e inteligível para nós afroindígenas brasileiras(os).

**A indispensabilidade do feminino, sagrado útero físico-cósmico.  
É sobre isso!!!**

A concepção e a gestação de um bebê são tão extraordinárias que até fazem do fenômeno um verdadeiro milagre. E porque não? Desde a saga do espermatozoide até a fecundação e, posteriormente, a herança que herdamos no primeiro plasma que irá formar o SNC (Sistema Nervoso Central), e o sequenciamento das etapas que seguem até a jornada do nascimento, é pela cabeça que nós adentrarmos ao mundo externo; trajetória realmente milagrosa, ou algo além da nossa limitada compreensão (até agora)?

E é a essa cabeça, gestada no útero físico, cósmico e espiritual, eternamente ligada à Mãe, pela vagina que pari e (re)pari, primeiramente a cabeça, com essa força que aglutina úteros multidimensionais, reforço que essa é também a minha voz, mas é a *Voz das Mães*.

Meu corpo foi e continua sendo estuprado, incessantemente, todos os dias. É exatamente isso. O corpo assume aqui uma dimensão cósmica, aglutinada, coletiva-social e política. O material e o imaterial amalgamados, num mesmo todo, corporificado, reintegrando o espírito à matéria, a sacralidade à natureza. Tal corporificação emerge de subjetividades que livremente transcrevo aqui como um ensaio corporal, uma tela em branco, com a vantagem de ser uma artista plástica por intuição e formação, deslocado do pronome possessivo singular *meu* para a pluralidade do *nosso*, o nosso corpo, um ente coletivo, um *corpo-tela*.

Nas composições a seguir, me proponho lavar algumas gestas, por meio das quais o tempo espiralar, como estrutura, se manifesta. Nelas, busco explorar suas situações de linguagem, suas produções e seus registros de imagem, a exploração cinética do corpo, suas funções como dispositivo condutor, portal e tela de grafias e de uma sintaxe de adereço; suas expansões espaciais, assim como as escanções de sua duração; sua percepção como dêixis; suas memórias de África. as realizações do tempo espiralar aqui sublinhadas são traduzidas por poéticas matizadas e atravessadas por uma corporeidade constitutiva, expressa pelo corpo-tela (MARTINS, 2021.p.77).

O corpo-tela é um corpo-imagem, composto por múltiplas linguagens: sonoras e cinéticas, qualidade contíguas. Assim como Leda Martins, o convite à entronização no corpo-tela, é um convite à escuta, para além apenas do olhar. Regaço para o sentir, o arpejo, o cheiro, a dor exprimida, o choro, estou sendo estuprado, aqui e agora. Meu choro é a materialização da conscientização de um cativo. Rogo a mim mesma à liberdade consciente da imagem que escutamos e sentimos cosmoperceptivamente no corpo-tela-aglutinado de *eus* que somos *nós*. *Eu e Ela*, *Ìyá* Bernardete Pacífico, nossos corpos-tela, gritam a dor do estupro que rasga o nosso útero. Eu morri, quando Ela foi assassinada. Meu corpo, violentado, estuprado. Não cessa a dor. A nossa dor, dororidade melaninadamente pintada. Massa de origem, **Bernadete Pacífico**, presente!!! É sobre nós.

Precisamos acionar nossa capacidade total de percepção sensorial, “pois a escuta das imagens é uma das entradas para o universo em que os movimentos, os sons, a luminosidade e os aromas têm cores e desenham paisagens de saberes, âmbito privilegiado das oralituras” (MARTINS, 2021.p.78). Escutar o corpo é cura. Na escuta do corpo-tela, memórias me devolvem o som de uma importante canção cantada pela grande matriarca Dona Clementina de Jesus:



*Tava durumindo cangoma me chamou  
Tava durumindo cangoma me chamou  
Disse levanta povo cativo já acabou*

Considerada o "elo perdido" entre o Brasil e o continente africano, dona Clementina, sem ter viajado ao continente, ouviu e cantou **Vozes Ancestrais**, reproduzindo sons de línguas africanas em suas canções. Ao escutar o corpo-tela, inunda-me as vozes uníssonas, informando que o cativo mental acabou, visto que nas múltiplas dimensões temporais, espiralares, conscientizamo-nos da imagem que nós mesmas estamos produzindo sobre nós, no corpo-tela, que é nosso. Pintado por milhares de mãos, que em comum trazem-nos de volta a sacralização do universo desde sua origem; a organicidade da vida; a dimensão cósmica do ser, integrado seres humanos como parte de um *Todo*. Conhecer o universo dá-se através do relacionamento e a percepção da presença do espírito presente na matéria e relacionamo-nos intimamente com todos os seres cósmicos. Amalgamo-nos novamente a única força que une o universo, e nos tornamos uma unidade. É essa a força que está em todo ser, o *mooyo*, o axé.

Nossa realidade é apenas parte dessa força. E para expressá-las uso a lógica metafórica e muitos complexos simbólicos, deixando de lado o modo epistemológico europeu que determina "roube as riquezas do universo, negue a importância do simbólico, simplifique fenômenos até que se tornem mero objetos que você tenha a possibilidade de discerni-los" (ANI, 1994. p.29).

Nas memórias incorporadas em minha carne, o cativo representa o período em que fomos obrigadas a assumir uma realidade ilusória (ética retórica), imagética e representacional como verdade axiológica (valores), pressupostos epistemológicos que nos estrangulam. Enfatizaram a função ideológica da cultura europeia, a cultura como uma ideologia que nos aproxima, muitas vezes por uma linguagem aparentemente não-violenta, à própria cultura europeia e sua essência monolítica mascarada como heterogeneidade, enganosa, o sucesso do imperialismo euro-estadunidense (ANI, 1994).

Postular a matriz cultural europeia como ideologia, nos permitirá torná-la "um fenômeno visível, extremamente coeso e bem integrado, em um sentido mais simples do que poderíamos supor" (ANI, 1994.p.3). E esse é o pressuposto de assumir um corpo-tela-coletivo, que nos despe da imagem projetada de, e por, outros, por aqueles que se baseiam na fonte da *asili* europeia para elaborar e refletir suas questões. Dessa forma, em definitivo, manter a matriz cultural europeia como única e universal base para nossas reflexões e análises, não é parte do que nosso amalgamado corpo escreve.

A musicalidade de mulheres e homens afroindígenas descendentes é potente ferramenta de resgate de memórias; é um caminho trilhado do início ao meio e do meio ao início, o princípio das Mães. Afrografias e pindoramografias que reformulam o corpo axiológico pela práxis na qual venho sendo experimentada. O cativo ontológico e epistemológico acabou. Essa é a afirmativa de onde a corpa parte.

Os atravessamentos, processos de socialização, instrumentalização educacional e outros estruturantes que fizeram parte da minha formação, sendo o Brasil um país modelado pela matriz civilizatório-cultural indoeuropeia, são partes dos conflitos, tensões, ambivalências e ambiguidades do que eu escrevo. Nosso grande propósito é questionar até que ponto as imposições culturais germinadas no norte, podem ser empregadas à experiências civilizatório-culturais aglutinantes, agregadoras e não-separatistas?



*Rainha Colorida*, por Beatriz Matos Teixeira  
Tinta óleo sobre papel A4, 2022.

Quando assumimos que a objetificação de uma dinâmica social é ilusória e a causa de muitos “equivocos” conceituais ocidentais que temos sido obrigadas a reproduzir em nossa escrita, trilhamos o caminho da libertação do cativo ontopistemológico ocidental, e o corpo, literalmente, incorpora a unidade Natureza e Cultura, num sentido da manutenção da sua indissipabilidade, politicamente anti-platonista.

O corpo presente é vivo, dinâmico e se constitui de muitos outros corpos e corpos físicas, espirituais e cósmicas, além das diversas temporalidades (in)fronteiriças, transcendentais. A Natureza é o corpo e o corpo é a Natureza, impartida, apaziguável, mas que não pode ser domada ou dominada. Toda vez que acionarmos a corpa como palavra, ela trará em si o *poli* e a *multi* dimensionalidade semântica.

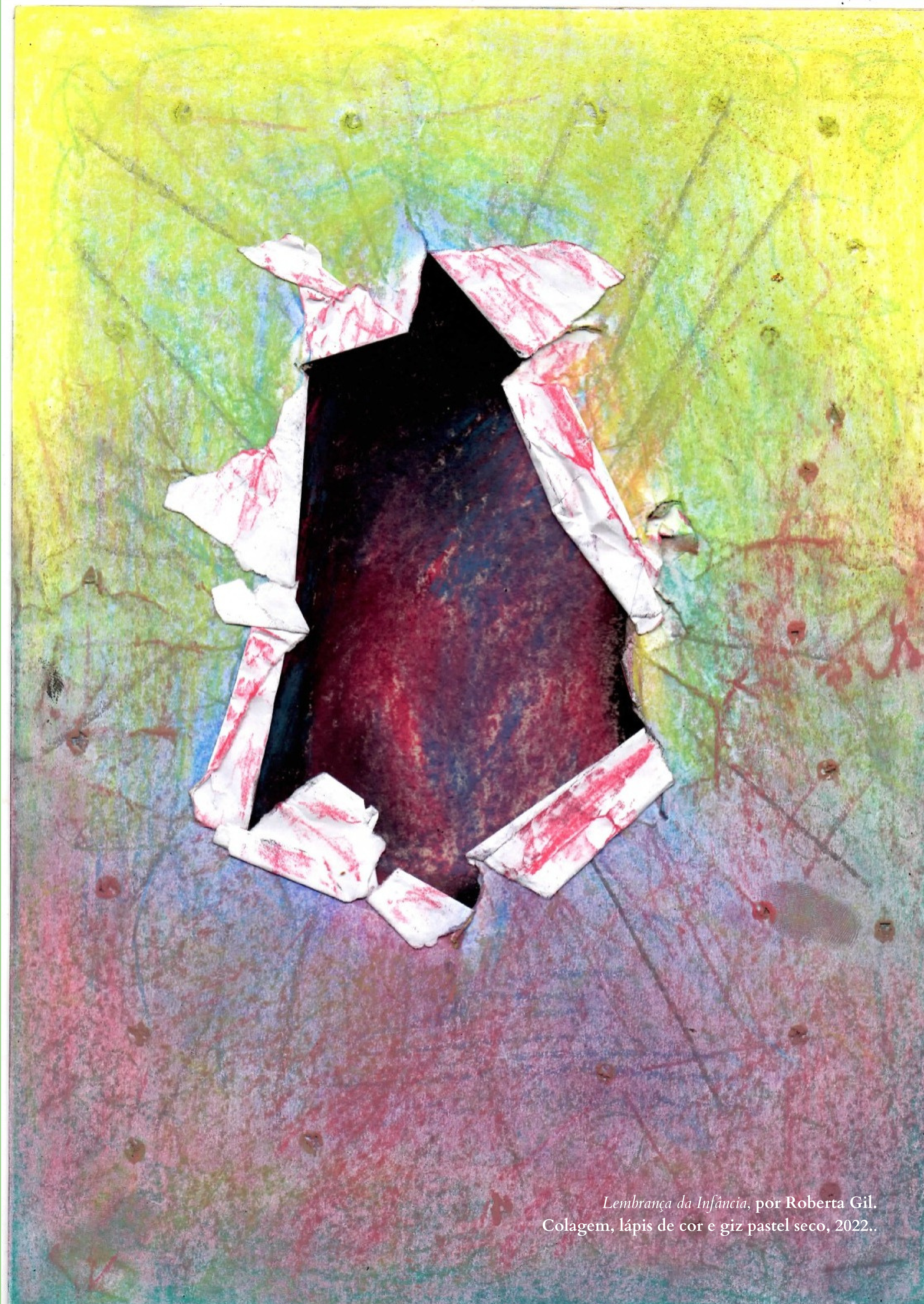
Retornando ao início, quando me referi ao estupro, falando do meu corpo individual, ao mesmo tempo em que falo do nosso corpo, das mulheres e dos homens negros e indígenas, estuprados física, psicológica, cósmica e espiritualmente. A *Voz* que imprimo nas folhas desta revista são polivocalizadas. No corpo físico, um toque rude e violentamente fálico, rígido, feriu-me num ato sexual não autorizado. Na minha dor, ressoa a mesma dor intactamente preservada pelo *continuum* da inenarrável violência que esse aglutinado de corpos têm estado submetido.

Meu uivo ressoa aos quatro cantos do mundo. Em cada nova cidade, estado ou país que tenho visitado ao longo das minhas pesquisas, eu ouço ressoar uníssono o som da dor, que dói, toda vez que as memórias são acionadas pelo que ressoa deste corpo-coletivo, que também sou eu. De um caráter individualizado para um caráter social, sem se perder de mim.

Nas idas e vindas da construção dos textos que compõe minha tese doutoral, retorno dos Estados Unidos da América com a certeza de que a dor que me rasga, rasga também *las hermanas* e *los hermanos*: colombianas(os), peruanas(os), cubanas(os), caribenhas(os), argentinas(os), chilenas(os), venezuelanas(os), paraguaias(os), bolivianas(os), uruguaianas(os), panamenhas(os), afroindígenas descendentes. Foram três dias intensos, escuta ativa de painéis e *papers*, além das múltiplas obras de arte expostas nos espaços da conferência. Em cada exposição, o aglutinado de vozes, as nossas, no presente, as de nossas mães, avós, bisavós, tataravós..., no passado, que também é o presente, que têm em suas entranhas o futuro, na ideia de uma concepção conjunta que cria o que está sendo realizado.

Nesse movimento plurivocal, em português, inglês, espanhol, castelhano ou portunhol, o que ecoou foi a polifonia harmonizada pelo fio condutor e indutor, a melanina fenotipicamente exposta. Doía em mim como um espremer das roupas lavadas na pedra da Bica da Olaria, antes de serem estendidas no varal, em cima da laje dos barracos que nos serviam de abrigo, no Morro da Mangueira.

Cada voz ali, independente do idioma, ressoava uma só voz. Nossos corpos aglutinados infronteiriços, “*ohùn èmi ná à kó. ohún ìyá mi ní, lí ohùn awọ̀n arabinrin ati awọ̀n arakunrin mi*” (não era a minha voz, era a voz das mães, as vozes das minhas irmãs e irmãos). Dentro da Voz das Mães, ecoava todas aquelas vozes, das que eram, das que foram, das que estavam e das que seriam, sendo seu *ara-obirin* ou *okunrin*, cunhã ou tybira, estávamos todes lá. Nos relatos, o tom das vozes era dor. Cada uma, dentro de seu contexto, narrava dores atravessadas. Similitudes para corpos tão diferentes, todavia tão iguais. Unidos pela dororidade. Em nós um em comum, a coisidade, a objetificação, a desumanização, a anti-negritude; inclusas na dororidade, coletivo.



Lembrei-me da violência que sofri, ao ter meu corpo abusado sexualmente. E de cada lágrima que derramei ao ler documentos que relatavam cada uma das detalhadas atrocidades praticadas contra o corpo-coletivo, que é o nosso, nosso corpo melaninado. Eu remontei os pedaços da dor. Estava lá, doía como no ato, ou talvez mais... eram muitas dores numa só.

Escrevendo estas linhas, sinto a dor; sua intensidade rasga a alma, transcende o físico. Escrever é curar nosso corpo coletivo, retornar corpos como o de *iyá* Bernadete Pacífico à massa de origem. Rememorar é político.

Seguindo o aglutinado de vozes, não vos escrevo só. Aglutino em mim a Voz da Mãe, na qual, a minha e a sua também ecoam. Nesta semântica, o corpo já deixou de ser um, mas sem perder a sua individualidade. Bricolado a milhões de corpos físicos, cósmicos e espirituais, que não são outros corpos, mas partes de um mesmo *Todo*, o corpo-dos-corpos, ou a corpa-das-corpas, que já não é mais uma, mas performa múltiplas linguagens polifônicas que também são mudas.

Respiramos entre silêncios e ensusrecedores sons. São cantos, batuques, ofertas de vendas, gritos, lamentos, lamúrias, ladainhas... São mainhas, úteros, ventres...somos nós em nós, entrelaçades, juntas, mesmo que separades geograficamente por fronteiras, relevos, distâncias, afetos.

Nós somos uma Voz de vozes, a Voz da Mãe – *ohún iyá mi ní...*

#### REFERÊNCIAS

ANI, Marimba. **Yurugu: Uma Crítica Africano-Centrada do Pensamento e Comportamento Cultural Europeus.** Trenton: Africa Word Press, 1994.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.



Nkonsonkonson – Símbolo Adinkra da unidade, da interdependência, da cooperação, da fraternidade e das relações humanas.

Provérbio associado: “*Yetoatoa mu se nkonsnkonsn; nkwa mu at, yetoa mu, owuo mu a, yetoa mu; abusua mu mte da.*” [Estamos atados como os elos de uma corrente; Estamos ligados na vida e na morte. Os homens que compartilham de uma relação de sangue comum nunca se separam uns dos outros].

Fontes: Ipeafro (<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/adinkra/>), Afro&África (<http://claudio-zeiger.blogspot.com/2012/02/nkonson-konson-simbologia-adinkra.html>).

*Sem título*, por Ísis do Carmo.  
Desenho em grafite e aquarela sobre papel, 2021.

